



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE UNIDADE DE JARDIM-MS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS**

DEIVEDIS DE ARRUDA PINTO

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A OBRA LITERÁRIA “AS HORAS”
E A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA.**

JARDIM

2018

DEIVEDIS DE ARRUDA PINTO

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A OBRA LITERARIA “AS HORAS”
E A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade
Universitária de Jardim - MS, como pré-requisito
para obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português/Inglês. Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo
Campos Pedrosa Junior.

JARDIM

2018

PINTO, D. A.
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A OBRA LITERARIA “AS HORAS”
E A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA/Deivedis. Jardim, MS: UEMS, 2018.

Monografia (Graduação) – Letras-Português/ Inglês – Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior.

1. Literatura 2. Fluxo de Consciência 3. Virginia Woolf.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A OBRA LITERÁRIA “AS HORAS”
E A PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA.**

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior

APROVADO EM: _____/_____/_____

Profa. Me. Roseli Peixoto Grubert

Profa. Dra. Adélia Maria Evangelista Azevedo.

DEDICATÓRIA

Dedico este TCC a minha mãe Tereza de Arruda Pinto e ao meu pai Osvaldo Cantalisto de Melo, que são as pessoas mais importantes na minha vida, meu alicerce, e por quem tenho um amor maior que o mundo e respeito pela garra, dedicação e sempre estarem ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis, quando acreditei que não pudesse prosseguir. E por ter permitido que eu concluísse esta etapa tão árdua e concretizasse este sonho.

Aos meus pais, Tereza de Arruda Pinto e Osvaldo Cantalisto de Melo, que são essenciais em minha vida e também foram fundamentais no processo de graduação. São os meus maiores exemplos de determinação e nunca mediram esforços para que eu alcançasse meus objetivos.

Aos meus amigos que me ajudaram em todo esse caminho, Djimi, Lizziane, Kettlyn que sempre estiveram/estão ao meu lado e todos os demais que não citei, pela força e amizade de vocês.

Ao orientador, Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior, que com todo apoio, paciência e dedicação, ajudou a tornar o meu desejo possível. E não só no TCC como no início dele que foi o artigo. Agradeço por ter despertado o interesse nesse novo mundo que é o da Virginia Woolf com suas aulas e me permitindo viajar por mundos literários que até então eram desconhecidos por mim.

Agradeço a todos meus professores da graduação que sempre me auxiliaram nessa caminhada, à Profa. Roseli pelas palavras de força nos percalços do caminho e a todos os meus colegas de sala por estarmos juntos nesta caminhada.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente nesse percurso, a todos o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso tem como objetivo fazer uma análise crítica do livro *As Horas* escrito por Michel Cunningham e publicado em 1999 e o filme *As Horas*, traçando um paralelo entre o livro e obra cinematográfica. Destaco também a intertextualidade entre a obra literária e a adaptação cinematográfica criando assim uma análise comparativa na intenção de realizar uma aproximação entre a literatura e o cinema. Com ênfase à relação entre a obra *Mr. Dalloway*, de Virginia Woolf, com uma das personagens da obra de Michel Cunningham e o Filme *as Horas*. Esta pesquisa é classificada como bibliográfica pois como base da análise fez uso de obras bibliográficas que abordam esta temática destacando Lehmann (1989), Cavalcanti e Francisco (2016), Diniz (2005), Silva (2007), Michel Cunningham (1999) e Peixoto (2009). Percebe-se então um jogo intertextual e intermediário para construir a relação entre a literatura e a produção cinematográfica, visando não a fidelidade da obra escrita, mas no caso estudado a mediação entre as temáticas trabalhada e a contextualização do romance no filme.

PALAVRAS-CHAVE: As horas. Cunningham. Virginia Woolf. Fluxo de Consciência.

ABSTRACT

This work aims to make a critical analysis of the film *The Hours*, drawing a parallel between the cinematographic work and the book *The Hours* written by Michel Cunningham published in 1999. Its objective is to highlight the intertextuality between the literary work and the cinematographic adaptation thus creating a comparative analysis in the intention to make an approximation between the literature and the cinema. Emphasizing the relationship between Virginia Woolf's *Mr. Dalloway* and one of the characters in Michel Cunningham's *The Hours* movie. This research is classified as bibliographical because as a basis of the analysis we used bibliographical works that approach this theme, highlighting Lehmann (1989), Cavalcanti and Francisco (2016), Diniz (2005), Silva (2007), Michel Cunningham (1999) and Peixoto (2009). An intertextual and inter-mediatic game is then perceived to construct the relation between literature and cinematographic production, aiming not at the fidelity of the written work, but in the case studied the mediation between the themes worked and the contextualization of the novel in the film.

KEY WORDS: *The Hours*. Cunningham. Virginia Woolf. *Flow of Consciousness*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
1.1 Dados Biográficos.....	12
1.2 Formação de Virginia Woolf.....	15
1.3 Os primeiros passos na escrita e fluxo de consciência.....	16
CAPÍTULO II	19
2.1 Entre a Literatura e o Cinema.....	19
CAPÍTULO III.....	24
3. Relação da obra literária e fílmica “As Horas” e a obra Mrs. Dalloway.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta um estudo comparativo literário das obras que se relacionam por meio da intertextualidade literária, que são os livros *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf, *As Horas*, de Michael Cunningham e o Filme “*As Horas*”, que teve a direção de Stephen Daldry. Sendo feita a comparação especificamente entre as obras literárias e a transposição fílmica, o fluxo de consciência que é retratado tanto nas obras literárias quanto no filme.

De forma generalizada a escolha desta temática voltada para análise da adaptação literária para o cinema foi feita com o objetivo de dar continuidade aos estudos científicos que foram voltados para os estudos literários comparativos, empregados para analisar a relação entre o romance e a adaptação cinematográfica “*As Horas*”, sendo identificada uma quantidade considerável de pesquisas voltadas para outros assuntos, mas poucas voltadas a este tipo de comparação realizada com base nestas três obras citadas.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa buscou-se realizar uma pesquisa inicial referente às obras, o romance e à película cinematográfica, analisando de forma objetiva as narrativas, suas características e apresentando também informações a autora Virginia Woolf, autora do *Mrs. Dalloway*.

Os romances de Virginia Woolf abrem-se para a possibilidade de diálogo com outras artes e mídias. Nesse sentido, o livro e o filme “*As Horas*” que foi o primeiro objeto de estudo da pesquisa formamos o artigo, a partir dele notamos que dada a complexidade e a relevância do tema, a pesquisa foi desenvolvida e melhor trabalhada para o TCC.

Diante do exposto é válido ressaltar que o objetivo desta pesquisa é responder a seguinte questão: Qual a intertextualidade e a relação intermidiática existente entre as obras literárias e o filme “*As Horas*”?

O objetivo foi delimitar mais o estudo na obra literária e fílmica fazendo uma análise crítica sobre a relação intermediária entre as duas obras "As Horas" e a intertextualidade da obra As Horas com a obra Mrs. Dalloway,

Por meio da análise bibliográfica e dos elementos da literatura comparativa tem-se por objetivos principais relacionar a obra Mr.Dalloway, de Virginia Woolf, com uma das personagens da obra de Michel Cunningham e o Filme as Horas.

Esta pesquisa é classificada como bibliográfica pois como base da análise usou-se obras bibliográficas que abordam esta temática destacando Lehmann (1989) falou-se sobre a autora Virginia Woolf.

Com o aporte de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações através de resumos, fichamentos dos livros, Cavalcanti e Francisco (2016), Diniz (2005), Silva (2007). Michel Cunningham (1999) e Peixoto (2009). Tem o recorte para o tema da relação entre literatura e cinema, e a relação intermediária da obra "As Horas" e o filme.

No primeiro capítulo trataremos sobre a vida da autora Virginia Woolf, autora do Mrs. Dalloway, mostrando seus dados biográficos e detalhando sua vida através da sua biografia e as relações dos acontecimentos a sua volta que influenciaram a escrita dos seus livros e o desenvolvimento da técnica do fluxo de consciência que é empregado na obra Mrs. Dalloway.

No segundo capítulo "Entre a Literatura e o Cinema" abordamos os temas literatura e cinema, discutindo autores que propõem uma reflexão acerca das relações intertextual e intermediária para estabelecer elos de intermediação entre a literatura e a produção cinematográfica.

No capítulo três, "Relação da obra literária e fílmica "As Horas" e a obra Mrs. Dalloway" aborda-se as duas obras "As Horas", o livro e o filme e a forma como ocorreu sua transposição para o cinema, apresentando a mediação entre as temáticas trabalhadas, a contextualização do romance no filme e a abordagem do fluxo de consciência, trabalho central do livro Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf, bem como do livro As horas, de Michael Cunningham.

CAPÍTULO I

VIRGINIA WOOLF: O NASCIMENTO DE UMA ESCRITORA

Neste capítulo apresentaremos os dados biográficos sobre a vida de Virginia Woolf, e as informações teóricas sobre a formação literária da escritora, trazendo uma breve reflexão sobre uma de suas características principais ao escrever explorando o fluxo de consciência de seus personagens na obra *Mrs. Dalloway*.

1.1 DADOS BIOGRÁFICOS

Em 25 de janeiro de 1882, nasce Adelina Virginia Stephen uma mulher que cresceu em um período Inglês no qual a família é o principal espaço de procriação e criação dos filhos, uma sociedade vitoriana¹ que tinha na mulher a função de cuidadora do lar, sociedade essa, foco de críticas que a autora ressaltava em toda sua obra.

Lehmann (1989), ao escrever a biografia de Virginia Woolf, resalta que a escritora teve uma infância difícil, mas aparentemente ela nasceu com a intenção de ser escritora, pois cresceu em um ambiente literário já que seu pai possuía uma grande biblioteca alimentando assim o interesse da menina Virginia para a leitura.

É importante destacar que a infância da escritora foi rica em lembranças de brincadeiras e verão com jogos e brincadeiras, mas muito cedo Virginia perdeu sua mãe o que inicia seu primeiro colapso nervoso, com sentimento de profunda depressão e autoacusação, afastando-se da escrita literária por um tempo.

¹ O termo Era Vitoriana corresponde ao período do longo reinado da Rainha Vitória, que vai de 1837 a 1901. É um dos mais importantes períodos da história britânica por conta das grandes mudanças que o Reino Unido passou durante o século XIX. Estas mudanças aconteceram nos planos econômico, político e social, e ajudaram a moldar o que o país é hoje.

A morte sempre seguia Virginia, logo antes dos dez anos a escritora perdeu as três mulheres que representavam seus ícones de altruísmo feminino Maria sua vó, Julia sua mãe e Stella sua meia-irmã, de acordo com Cavalcanti e Francisco (2016, p.30) “Virginia tinha apenas dez anos quando sua avó materna, Maria Jackson, faleceu, após anos de hipocondria e péssima saúde”, seguida da morte de Maria a avó de Virginia em 1892 e de Julia sua mãe em uma crise de febre reumática no ano de 1895.

Virginia têm primeira crise psicológica após o falecimento de sua mãe e tem como apoio emocional os cuidados de Stella, sua meia-irmã. Mas em 1897 após uma cirurgia Stella Duckworth sua irmã por parte de mãe, morre deixando a menina Virginia e seus irmãos completamente desamparados. Essa ausência da imagem materna na vida da escritora é ressaltada na fala de Cavalcanti e Francisco (2016):

As ausências de Maria, Julia e Stella perseguiram Virginia até o fim de sua vida. Suas fotografias e pinturas, seus vestidos e gestos a acompanharam ao longo dos anos, o que nos leva a pensar que essa dor jamais foi superada, estando sempre presente de forma direta ou indireta em seus romances (CAVALCANTI e FRANCISCO, 2016, p.31).

A visita da morte na vida de Virginia mantém-se como uma sombra e diagnosticado com câncer, ela perde seu pai em 1904, o que inicia uma nova crise psicológica. Durante esta crise foi acompanhada por três enfermeiras que cuidavam dela evitando que ela concretizasse sua primeira tentativa de suicídio, e não se atirasse pela janela.

Anos após a morte de seu pai, a própria autora escreve “a vida dele teria acabado completamente com a minha”, tentando explicar traumas sofrido por ela durante sua infância e adolescência. Tudo se mantém controlado até o ano de 1906 ao qual perde seu irmão Toby, que contraiu Febre Tifoide em uma viagem a Grécia.

Em 1912, Virginia casa-se com Leonard e de acordo com Lehmann (1989) apresenta dificuldades, em cumprir com os deveres de mulher perante a seu marido, e também em 1913 tem surtos de loucura que sempre antecedem a finalização de seus romances, Lehmann (1989) destaca que as crises:

Acontecera em grau menor quando terminava *The Waves*, em 1931, e (de maneira mais alarmante) ao terminar *The Years*, em 1936, e finalmente, nos últimos estágios da redação de *Between the acts*, em 1941, quando escolheu suicidar-se a suportar o pesadelo de novo (LEHMANN,1989, p.33).

Virginia nesta crise aproveita-se de um momento de ausência de Leonard para tomar uma dose excessiva de veronal², que a deixa desmaiada e que devido à ajuda de Geoffrey e Leonard ela é medicada e recupera-se brevemente. A escritora sofria de uma condição maníaco-depressiva de forma profunda, Lehmann (1989), sobre as crises de insanidade de Virginia Woolf, descreve os seguintes sintomas.

[...] passava do estado depressivo-em que recusava alimentar-se e se sentia totalmente oprimida por sentimento de culpa e de desespero-para um estado dá mais descontrolada excitação. Violenta com suas enfermeiras (tinha quatro) que (como antes) transforma-se na sua fantasia na encarnação do mal, falava se parar durante dias e dias, a princípio com uma certa coerência, depois sem qualquer coerência. Em seguida entrava em coma, dele emergindo completamente exausta, mas no lento caminho da recuperação (LEHMANN,1989, p.35)

O autor afirma que estas experiências de quase loucura estão apresentadas em seus livros como no romance de *Mrs. Dalloway*. De acordo com Lhemann (1989), os dois primeiros romances de Virginia Woolf escritos em 1915 e em 1919 seguem um padrão convencional. Apenas em 1924, Virginia conclui sua obra *Mr.Dalloway* promovendo nesta obra uma reestruturação de sua técnica, tornando-se mais ousada e criando uma narrativa que se desenrola em apenas um dia.

De acordo com Lehmann (1989, p.52) “há em *Mrs. Dalloway* uma das abundâncias das mais profundas imagens poéticas, muitas vezes de grande beleza, muitas vezes de terror, que surgem fácil e naturalmente”, tratando de forma específica a vida alvoraçada de Londres.

De acordo com Marder (1934), a escritora Virginia Woolf escrevia de uma forma veloz suas cartas e diários, que após sua morte, as publicações destes manuscritos apresentaram a reprodução fiel das palavras usadas por ela tal como ela escrevera, sendo importante destacar que suas obras são ricas de sentimentos e intenções. Transmitindo em suas narrativas, verdades emocionais por meio de técnicas que transmitiam um ar de impessoalidade.

² Veronal é o nome comercial do primeiro sedativo e sonífero.

1.2 FORMAÇÃO DE VIRGINIA WOOLF

A formação da escritora muito tem a ver com o incentivo que ela recebia de seu pai, de acordo com Lehmann (1989) ela cresceu em um ambiente literário, ou seja, o contato com a biblioteca de seu pai foi bastante produtivo “a princípio, orientou com cuidadosa seleções o voraz apetite de Virginia por leitura; mas, ao chegar à adolescência, já impressionado suficientemente com sua inteligência e discriminação permitiu-lhe o livre acesso a biblioteca”

(LEHMANN,1989, p.9), Virginia estimulada por suas mães, aprendeu também o latim e o grego em casa, com aulas regulares.

Cavalcanti e Francisco (2016) ressaltam que ao longo de sua vida, Virginia Woolf teve como influência mulheres incomuns que corroboraram com a construção da personalidade artística, “Uma delas foi a sua tia-avó, a fotógrafa Julia Margaret Cameron. Outra foi Julia Stephen, sua mãe, cuja morte a afetou profundamente, gerando nela uma série de medos e inseguranças” (CAVALCANTI e FRANCISCO, 2016, p.30).

As mulheres são parte importante na vida de Virginia e tornam-se marcas registradas em suas obras. De acordo com Cavalcanti e Francisco (2016), a ligação entre a escritora e as mulheres é algo que se faz presente em sua vida emocional e literária, ou seja, este fato a autora:

[...] sempre demonstrou, ao longo de toda sua vida e de sua arte, um interesse especial pelo feminino, apreciando e valorizando suas amizades com as mulheres, uma vez que elas “lhe deram o estímulo, o apoio, a segurança e o cuidado maternal pelos quais Virginia, privada de sua mãe aos treze anos, ansiou incansavelmente” (CAVALCANTI e FRANCISCO, 2016, p.33).

Uma escritora que foi marcada por perdas e tragédias familiares, mas que de acordo com críticos como Cavalcante e Francisco (2016) como amiga trouxe a seus companheiros felicidade, estímulo e humor. Uma grande defensora das mulheres, nesse período vitoriano vivenciado por ela, pode-se destacar que a autora usou de suas publicações para dar voz às mulheres.

Cavalcante e Francisco (2016) ressaltam que no final do século XIX e início do século XX a sociedade vitoriana inglesa ainda presava por manter os lugares predeterminados ao homem e a mulher na vida social, isto ocorria de forma binária, ou seja:

[...] à mulher se relacionariam a maternidade, a natureza, o feminino, a passividade, ou seja, o espaço privado; ao homem se imbricariam a paternidade, a cultura, o masculino, a atividade, logo, o espaço público. Vale dizer: lugares estabelecidos e fixados pela cultura e endossados pela ciência. (CAVALCANTI e FRANCISCO, 2016, p.37)

De acordo com os críticos foi neste cenário que Woolf cria suas obras e apresenta a sociedade leitora da época personagens mulheres que além de capazes de cuidar das crianças, casa e marido, se faziam forte e capaz de ser base da sustentação da família moderna, a autora usa de suas narrativas para denunciar a opressão sofrida pela mulher, e dar voz a suas personagens.

Para os críticos Cavalcante e Francisco (2016), Woolf combateu a opressão sofrida pelas mulheres vitorianas de seu tempo lutando pelo direito a independência financeira e a educação, direitos esses negados as mulheres durante todos os séculos anteriores.

Horst e Haartmann (2011) afirmam que por nascer em um berço literário riquíssimo, e contar com todo o apoio familiar em sua formação básica, ainda após casada criou uma editora que serviu de ferramenta para lançar grandes nomes na literatura. Uma escritora crítica formada antes, durante e depois a Primeira Guerra Mundial, suas obras apresentam críticas referentes as tradições literárias da Era Vitoriana.

Tendo como característica marcante a técnica de fluxo da consciência, buscando por meio da narrativa, desvendar a construção de suas personagens usando por base a perspectiva do narrador.

1.3 OS PRIMEIROS PASSOS NA ESCRITA E FLUXO DE CONSCIÊNCIA

Para Virginia Woolf o escrever não era apenas criar, mas sim viver, percebendo a realidade por meio da criação de um contraponto da vida enquanto consciência. De acordo com Souza (2006), Woolf experimentou diversas modalidades de narrativas ao longo de sua produção literária, isto ocorreu devido a seu desejo de renovar o gênero romance levando-a adotar diversas técnicas de narrativa, buscando fugir das ações lineares, sendo assim, “As falas, os pensamentos e as ações de seus personagens são imbricados às reflexões da narradora. Em certos contos, o narrador é um observador perceptivo da cena externa, enquanto que em outros, expõe suas próprias percepções” (SILVA, 2006, p.4) usando uma técnica conhecida como fluxo de consciência.

As narrativas de Woolf, portanto, de acordo com Silva (2006, p.5) são marcadas pela busca de compreender o sentido da vida adentrando assim na “a mente humana e retrata o fluxo de pensamento, de consciência ou da vida subjetiva”. Para Souza (2006) a técnica de fluxo de consciência é um método ficcional usado para explorar e apresentar a consciência dos personagens.

Horst e Haartmann (2011) afirmam que o fluxo da consciência trata a personagem numa perspectiva criada por meio do discurso indireto livre no qual a personagem é construída de fora para dentro. Os autores ressaltam que o fluxo de consciência é uma forma que o escritor

vai apresentar os aspectos psicológicos do personagem da ficção, sendo destacado assim o tema da obra por meio da consciência de um personagem.

“Quando os moralistas nos perguntarem de que nos serve correr os olhos por esse enorme número de páginas, podemos responder que estamos, como leitores, fazendo nossa parte para ajudar a trazer obras-primas ao mundo. Estamos fazendo nossa parte no empreendimento criativo - estamos estimulando, encorajando, rejeitando, fazendo valer nossa aprovação ou desaprovação.” (O diário de Mrs, Dalloway. pg. 63)

Virginia Woolf apresenta a verdade interior dos personagens apresentando uma busca infundável pelo significado e identidade da vida humana, Horst e Haartmann (2011) destacam que a escritora Virginia Woolf cria personagens com muita sensibilidade, que por meio de sua trama narrativa apresenta ao leitor a mente dos personagens.

“[...]Edgar J. Watkiss, levando no ombro o cano de chumbo enrolado, disse em voz alta, comicamente, claro: – O cáerro do primero-menistro. Septimus Warren Smith, que se via impedido de passar, ouviu. Septimus Warren Smith, com cerca de trinta anos, rosto pálido, nariz pontudo, de sapatos marrons e um sobretudo surrado, com olhos castanho-escuros que tinham aquele ar de apreensão que deixa apreensivos até os mais completos estranhos. O mundo ergueu seu chicote; onde descerá? [...] (WOOLF, pg.16)

A autora detalha o personagem, apresentando e o inserindo na história seguindo a sua descrição, Woolf fala mais sobre esse personagem e discorre sobre ele:

“[...]Todos observavam o carro. Septimus observava. Rapazes saltavam das bicicletas. O trânsito aumentava. E lá estava o carro parado, com as cortinas fechadas, e nelas uma estampa curiosa que parecia uma árvore, pensou Septimus, e essa convergência gradual de tudo para um foco central diante de seus olhos, como se algum horror tivesse aflorado quase à superfície e estivesse prestes a explodir em chamas, o aterrorizou.[...]” (WOOLF, pg.17)

Virginia vai apresentando os personagens por meio da personagem principal, a Mrs. Dalloway, que nesse único dia “que ela mesma ia comprar as flores. Pois Lucy estava cheia de serviço. As portas seriam retiradas das dobradiças; os homens da Rumpelmayer’s estavam chegando.” (WOOLF, pg.6), a partir desse ponto da ida da personagem principal para a compra das flores, tem de desenrolar da estória e continua com a autora sempre puxando alguém para o enredo através da personagem, que na caminhada para as compras das flores vai encontrando os outros personagens.

CAPÍTULO II

Neste Capítulo, é apresentado a relação entre a Literatura e o Cinema que se faz muito presente na realidade contemporânea. Pode-se destacar que no meio das produções atuais, tanto literárias quanto cinematográfica; encontra-se a presença de reescrita de obras literárias na qual alguns roteiristas cinematográficos baseiam-se em livros como texto de origem, o qual é o tema do estudo nesse TCC, que é o livro “As Horas” base para o filme que tem o mesmo nome.

2.1 ENTRE A LITERATURA E O CINEMA

As relações existentes entre a literatura e as mídias está presente no dia a dia, a música, a arte, o teatro, o cinema e as mídias sociais que mesclam esse universo midiático, literário e artístico.

O cinema, por exemplo, pode utilizar-se da linguagem literária para construir importantíssimas adaptações, pois é comum encontrarmos filmes que originaram de livros ou livros que foram criados com base em obras cinematográficas, que o caso desse estudo em que vamos trabalhar a obra literária “As Horas” e seguindo para o seu filme com o mesmo nome.

Alguns dos livros que foram recentemente para as telonas, são os Best-sellers, livros que são aclamados, um dos mais populares e que viraram filmes recentemente com uma grande franquia de filmes foram os livros do Harry Potter da escritora J K Rowling, mas tem muitos mais outros. Além dos livros e demais romances, outros que ganharam as telonas foram as histórias em quadrinhos, os exemplos são das detentoras dos direitos da Marvel e da DC Comics.

As adaptações fílmicas não se limitam apenas a uma fonte, como, por exemplo as obras literárias, isto porque “as relações entre literatura e cinema não se circunscrevem apenas ao trabalho de adaptação de textos literários ou à incorporação, por parte destes, de elementos e estratégias oriundos do discurso cinematográfico” (MACIEL,2003, p.108) esta intertextualidade, este diálogo é visto como um processo de reescrita da obra literária

usando de elementos da linguagem verbal para uma construção cinematográfica, que utiliza, além da linguagem verbal, elementos da linguagem não-verbal.

Destaca-se que todas as artes conversam entre si e a Literatura e o Cinema são exemplos disso, uma vez que essas duas artes pretendem narrar uma história, ainda que, para isso, utilizem de recursos materiais distintos. Para Diniz (2005) o Cinema possui uma relação muito próxima com a Literatura já que ele se utiliza da materialização do discurso através do apelo visual, fornecendo ao seu público as imagens verbais como ferramentas de tradução do texto verbal para o cinematográfico.

A autora destaca ainda que “a prática de transformar uma narrativa literária em narrativa fílmica espalhou-se a ponto de boa parte dos filmes ter atualmente, como origem, não um script original, criado especialmente para o cinema, mas uma obra literária” (DINIZ, 2005, p.13).

Ribas (2014, p.117) ressalta, por outro lado que “pensar em um diálogo Literatura e Cinema demanda uma ação de bordadeira; entrelaçar uma série de fios e possivelmente enfrentar muitos nós, alguns cegos, outros desatáveis, que passam pelas narrativas – literária e fílmica fazendo uso de múltiplas linguagens e vozes”. A ação de bordadeira reflete que não é tão simples assim utilizar a obra literária para fazer o filme, já que utilizar todos o contexto existente no livro para o filme demandaria mais tempo que habitualmente leva a filmagem e deixaria o filme muito extenso já que livro é bem detalhista com ações e cenários e os apelos visuais do filme utiliza-se ação para prender o leitor/espectador.

Esta passagem da literatura para o cinema provoca automaticamente uma necessidade de alterações na obra escrita para o cinema devido à diferença de contexto, pois uma adaptação é diferente do original isto ocorre por causa da mudança e do meio de comunicação que promove uma “passagem de um meio verbal- o texto literário- para um meio plural, que lida com múltiplas linguagens” inviabilizando assim a proposta de fidelidade ao texto literário (Ribas, 2014, p.119).

Assim, podemos entender que a relação entre a literatura e o cinema se realiza no:

[...] instar da linguagem, bem ali onde se forma o pensamento. Existe porque o cinema, como a literatura, é linguagem. Porque no interior da linguagem (para flagrar o movimento, o acaso, o passar do tempo) inseriu-se a imagem cinematográfica; porque desenvolvemos um outro material para a criação de formas que constroem o pensamento que constrói a linguagem que constrói novos pensamentos: a imagem cinematográfica (AVELLAR, 2007, p.113).

A construção da imagem cinematográfica que Avellar (2007) nos apresenta, é a da imagem que se sobressai do livro e do imaginativo do leitor e é transformado em movimento nas telas pelas interpretações dos atores nos papéis, dos escritores na adaptação da linguagem literária para a cinematográfica e na visão do diretor na montagem dos filmes.

O cinema utiliza-se de suportes e linguagens diversificadas, além de ter o foco em públicos diferentes, produzindo assim diferentes efeitos de sentido, ou seja, o processo de “releitura proposto por cineastas, geralmente a partir de textos literários celebrados, introduzem novos elementos, estimulam um ver em excesso” (Ribas, 2014, p.125).

Por vários motivos pode-se ter o cinema como ferramenta de auxílio na produção de narrativas, pois o cinema muitas vezes se apropria de personagens e tramas encontrados em obras literárias para que a arte crie vida própria, apresentando uma adaptação de grandes obras para construir personagens presentes na memória ficcional existente na sociedade.

Cluver (2006) cita a relação inter-texto e inter-mídia ao tratar da Literatura e Cinema. O autor ressalta que esta adaptação ocorre por meio de um processo de representação linguística no qual a “transposição de textos literários para outras artes e mídias (ilustração, filmagem, musicalização como poema sinfônico e não como canção), mas percebe-se que este movimento também acontece entre mídias não-verbais” (Cluver 2006, p.17), sendo assim o uso do inter texto não visa substituir o texto original ao se produzir uma nova versão, ele busca criar uma nova perspectiva sobre a obra base.

Este efeito de intertextualidade promove uma autoria que “torna-se compartilhada e coletiva, o texto (da adaptação) é atravessado por artes diversas, discurso polissêmico que desestabiliza a estrutura linear e a continuidade temporal das narrativas clássicas” (RIBAS, 2014, p.125). Está afirmação condiz com o uso de inter-texto que não visa substituir o texto original, mas sim torna-la compartilhada com a sua nova mídia, trabalhando nessa nova mídia diferentes perspectivas da obra original que no nosso caso, são o livro e o filme, *As Horas*. Para Ribas (2014) o cinema e as adaptações de narrativas literárias promovem uma nova experiência, oferecendo ao espectador/leitor a possibilidade de conhecer uma nova “experiência do tempo, oferecendo, ao espectador, a possibilidade de acelerar, retardar, até mesmo subverter a cronologia” (RIBAS, 2014, p. 125).

O poder de transformação do cinema no que condiz da própria obra literária é enorme, já que com os ganhos de recursos midiáticos (imagem e efeitos sonoros) que é oferecido pelo cinema e toda a vida que as linhas da obra literária ganham pelos olhos do diretor, e assim tem essa nova experiência para o espectador/leitor, as muitas maneiras das histórias narradas no

livro é o que Ribas comenta que é subverter a cronologia, utilizando os acontecimentos de forma diferente na que estava no livro.

A linguagem cinematográfica promove uma intertextualidade com a literatura e a vida, usando do ato de narrar para buscar “traduzir o verídico ou instaurar a ficção” (SILVA, 2007, p.35), criando e possibilitando efeitos diferenciados de significação.

Ao pensar-se no filme *As Horas*, de Stephen Daldry, é válido lembrar que ele não pode ser visto como uma tradução fiel do romance *Mr. Dalloway*, de Virginia Woolf, uma vez que inúmeros itens foram excluídos durante a adaptação fílmica, além da redução dos elementos referente ao fluxo de consciência existente na literatura e não existente na obra fílmica.

Diniz ressalta que a relação entre a literatura e o cinema é algo que não se pode negar porque um depende do outro, tendo inúmeros exemplos de adaptações fílmicas feitas inspiradas em livros ou vice-versa. Assim essa relação no que condiz da transposição e ambas as mídias são diferentes, tanto por seu meio de produção e o público alvo, mas são dependentes pela história que vai ser narrada ou escrita.

Na pesquisa do TCC, as obras analisadas partem da obra literária *Mrs. Dalloway*, que Cunningham escreve a obra *As Horas* que tem como base o livro *Mrs. Dalloway* e a vida da autora como uma das personagens para o seu livro, e por tem a transposição do livro para as telas do cinema, que fica com o nome do livro *As horas*.

Cluver (2006) diz que apesar de todos os estudos e comparações, o foco é no texto-alvo e as modificações que sofreram para a nova mídia e a nossa percepção do texto-alvo a partir da perspectiva criada através dessa nova mídia.

“[...]frequentemente, questões sobre a fidelidade para com o texto-fonte e sobre a adequação da transformação não são relevantes, simplesmente porque a nova versão não substitui o original. Mas, independente da maneira como nós olhamos a relação entre o texto fonte e o texto-alvo e interpretamos a forma e as funções do novo texto, nós também nos indagamos de que maneira a intermédialidade influencia nossa recepção do texto-fonte.” (CLUVER 2006. Pg 16-17).

O cinema, portanto, serve como recurso de mediação para o estímulo ao conhecer a arte adaptada, no caso, tanto o livro *As horas*, de Michael Cunningham quanto o romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, pois quem assiste ao filme *As Horas* e não conhece as obras literárias *Mrs. Dalloway* e *As Horas* é convidado a fazer esta leitura, e quem lê as obras e

descobre a existência do filme é convidado a assistir e construir sua opinião referente à adaptação feita.

CAPÍTULO III

Este capítulo apresenta a discussão sobre a relação entre as obras “*As Horas*, *Mrs. Dalloway* e o filme *As Horas*” fazendo um comparativo entre as obras literárias, relação obra literária *As Horas* com filme de mesmo nome, e a relação do fluxo de consciência no momento da produção narrativa.

3. RELAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA E FÍLMICA “AS HORAS” E A OBRA *Mrs. DALLOWAY*

A obra, *As Horas*, de Michael Cunningham é uma narrativa que se divide em três partes, no qual o leitor irá conhecer a história de três mulheres em épocas e histórias que se assemelham na temática sobre a questão do suicídio. O livro busca trabalhar uma intertextualidade não apenas com a obra *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, mas também com a própria autora, que é uma das personagens retratadas na narrativa, na qual surgem também Laura Brown e Clarissa Vaughn.

Michael Cunningham (1999), no início de seu romance, retrata o momento do suicídio de Virginia Woolf, uma escritora de renome para a literatura universal. É importante perceber que as três histórias acontecem em tempos diferentes Virginia Woolf em 1923, Laura Brown em 1949 e Clarissa Vaughn nos dias atuais. Outro fato importante a ser citado e comparado nas histórias é que a narrativa se desenvolve em três cidades diferentes Londres (Virginia), em Los Angeles (Laura Brown) em Manhattan (Clarissa Vaughn).

Esta obra literária *As Horas* tem por temática a depressão, narrando e alternando momentos de tristeza patológica presente na dinâmica das três protagonistas. Na obra faz-se a ligação da *Mrs. Dalloway* entre a escritora Virginia Woolf que escreve a história e as outras duas personagens, Laura e Clarissa, isto porque a personagem dos anos 50 e dos dias atuais são leitoras da obra escrita por Virginia. As narrativas de Woolf, Cunningham e Daldry iniciam com o relato da organização de uma festa de aniversário.

No decorrer do livro, *As Horas*, percebe-se o trabalho que Cunningham utilizou para abordar as diferentes formas de perceber a depressão e de como esse assunto é assimilado nas diferentes épocas, uma vez que na obra, a depressão perpassa a vida das personagens Virginia Woolf, Laura Brown e Clarissa Vaughan.

A homenageada no livro, Virginia Woolf, demonstra os rompantes da depressão devido a sua doença mental e às inúmeras tentativas de suicídios, não adotando nenhum tipo de tratamento clínico. Nos relatos da personagem, que representa a década de 50, Laura Brown a leitora do livro *Mrs. Dalloway*, apresenta a doença como algo imperceptível, demonstrando cenas apenas de ações deprimidas e que também quase a levaram ao suicídio, enquanto Clarissa Vaughn relaciona-se com a depressão por meio do amigo Richard, antigo amor e amigo, que sofre de depressão em grande parte por estar em fase terminal, em decorrência do vírus do HIV, tal estado depressivo leva-o ao suicídio.

Assim Peixoto (2009) ressalta que tanto o filme “*As Horas*” quanto a obra literária escrita por Michel Cunningham transmitem uma mensagem que leva à reflexão de temáticas como os problemas relacionados à depressão como patologia que tira a liberdade de escolhas, restringe as opções que parecem se esvaír sob o olhar atônito do deprimido. Para Mendonça:

O filme *As Horas*, de Stephen Daldry, também é elaborado com essa complexa mistura de semelhanças e diferenças, pois o filme é uma adaptação do romance *As Horas*, de Cunningham que, por fim, é uma obra inspirada em *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. (2006, p.189)

A primeira cena narrada no filme² e na obra literária, pode ser considerada uma referência intertextual e uma adaptação intermediática, ou seja, o suicídio da escritora Virginia Woolf, autora da obra *Mrs. Dalloway*. Nesta primeira cena das obras, literária e cinematográfica, descreve-se o suicídio de Virginia, ocorrido em 1941, em Sussex, Inglaterra. De acordo com Peixoto (2009) a obra de Cunningham foi baseada no romance *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf.

Esta afirmação condiz com a ideia de Mendonça (2006) que aponta que:

Como no romance de Cunningham, o filme retrata a vida de Clarissa, de Virginia e de Laura num dia, apenas num único dia de junho. No texto literário, os momentos desse dia são desdobrados e apresentados

² Confira montagem número 01

separadamente em capítulos específicos e autônomos destinados a cada personagem cuja estrutura dificulta a percepção dos vínculos subjetivos e privilegia outro aspecto de ligação, como por exemplo, a condição feminina diante da sociedade patriarcal, argumento que permeia as três narrativas e que aparece de modo bastante evidente na obra de Cunningham.(MENDONÇA, 2006, p.190)

O autor como o diretor iniciam suas obras como a morte da personagem-autora, que mostra de início a questão da “morte” na obra e no termino da vida de Virginia Woolf.



(Montagem de frames do filme “As Horas” disponíveis em

<https://screenmusings.org/movie/dvd/The-Hours/>)

Sobre a temática da “morte” Peixoto (2009) ressalta que Cunningham inicia a história do livro *As Horas* com a descrição da morte para remeter à vida da autora Virginia Woolf, que é uma das personagens da obra, descrevendo assim o dia em que a autora-personagem comete seu suicídio.

Sobre a relatividade da passagem do tempo Peixoto (2009) destaca que ela ocorre nas obras por meio de sobreposição entre espaço e tempo, apresentando ao leitor momentos históricos separados. Virgínia Woolf (Londres-1923), Laura Brown (Los Angeles-1949) e Clarissa Vaughan (Nova York-século XX), o livro *As Horas* apesar do tempo cronológico de cada uma das personagens, ele começa com Clarisa Vaughan, que tem o mesmo nome que a personagem do livro *Mrs. Dalloway* de Woolf, apelido esse dado por Richard que é filho da Laura Brow:

Sra. Dalloway.

Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste gênero), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada, prometendo voltar dentro de meia hora.

Isto passa-se na cidade de Nova Iorque. No fim do século XX.
(CUNNINGHAM, 1999, pg, 15).

Seguindo para a escritora-personagem Virginia Woolf que está escrevendo o livro *Mrs. Dalloway*. Cunningham começa a explorar o fluxo de consciência e a intertextualidade, iniciando a sua obra e interligando as mulheres, a que vive a Mrs. Dalloway com a escritora que está criando a personagem.

Sra.Woolf.

Mrs. Dalloway disse qualquer coisa (o quê?) e foi ela mesma buscar as flores.

É um subúrbio de Londres. No ano de 1923. Virginia acorda. Esta podia certamente ser outra maneira de começar; com Clarissa a ir fazer um recado num dia de junho, em vez de com soldados a marchar para irem depor uma coroa em Whitehall. (CUNNINGHAM, 1999, pg, 30).

O fluxo de consciência que Cunningham (2009) interliga as três mulheres em seu livro *As Horas* e “termina” o início da sua obra com a apresentação de Laura Brown, que está lendo a obra escrita por Virginia Woolf o *Mrs. Dalloway* e conecta a terceira personagem que está sendo vivida por Clarissa Vaughan a Mrs. Dalloway.

Sra.Brown.

Mrs. Dalloway disse que compraria ela mesma as flores. Pois Lucy tinha o seu trabalho estipulado. As portas teriam de ser tiradas dos gonzos; vinham homens da Rumpelmayer. E, além disso, pensou Clarissa Dalloway, que manhã: pura, como se destinada a crianças numa praia. É em Los Angeles. Em 1949. Laura Brown está a tentar perder-se. Não, não é exatamente isso: está a tentar continuar ela própria conseguindo entrar num mundo paralelo. Põe o livro de rosto para baixo em cima do peito. Já sente o seu quarto (não, o quarto deles) mais densamente habitado, mais real, porque uma personagem chamada Mrs. Dalloway saiu para comprar flores. (CUNNINGHAM, 1999, pg, 35).

De acordo com Peixoto, todas estão “entrelaçadas por temas (um dia na vida de uma mulher, enquanto mais geral, e temas como suicídio, loucura e morte; casamento x maternidade; escolhas e criação artísticas)” (PEIXOTO,2009, p.21).

Assim perceber-se a alternância entre as três histórias durante todo o decorrer do livro *As Horas* de forma simultânea como uma montagem cinematográfica. Faz-se representação dos pensamentos e das ordens cronológicas das personagens, articula-se por meio de sentenças iniciais e ações que se assemelham. De acordo com Peixoto (2009):

As situações se repetem: Virginia acorda com o objetivo de iniciar a produção de mais uma obra; Clarissa acorda com planos de oferecer um jantar em homenagem a um amigo e sai para comprar flores; Laura acorda e lembra que é o dia do aniversário do esposo e, conseqüentemente, decide preparar uma festa, e quando se levanta para tomar café, depara-se com flores sobre a mesa. (PEIXOTO, 2009, pg26).

Outro fato que se assemelha tanto no livro como no filme, *As Horas* são as três personagens fazerem um regresso ao tempo psicológico relembando o tempo de solteira, especificamente o momento em que conheceram seus maridos.

De acordo com Peixoto (2009), o livro de Cunningham dá a impressão ao leitor que foi uma narrativa escrita como se fosse um filme, pois mesmo que a narrativa ocorra em tempos distintos tem-se a impressão de que ela ocorrera em tempo real, sendo então utilizado o fluxo de consciência “para intermediar o tempo cronológico e a subjetividade do tempo do tempo psicológico” (PEIXOTO,2009, p.27).

A metaliteratura se dá quando Cunningham usa em sua obra a narrativa para refletir sobre a produção literária, apresentando as diferenças entre as produções literárias no período de Virginia Woolf e as produções literárias feitas nos dias atuais, usando Clarissa para representar a contemporaneidade e as novas tendências do romance contemporâneo que faz uso da descontinuidade temporal, além das mudanças relacionadas a linguagem, a posição do narrador e do tempo da narrativa, isto porque de acordo com Peixoto (2009) ocorre com frequência nestas narrativas a tentativa de exploração do inconsciente, a dessacralização da obra de arte, o exercício da metalinguagem, seguindo uma estrutura muito similar a montagem cinematográfica.

De acordo com Rosenfeld (1982, p.78) a narrativa contemporânea, que é o caso da obra *As Horas* utiliza-se de uma espécie de intertextualidade que percebemos ao identificar a homenagem feita por Cunningham, em sua obra, e imortalizando Virginia Woolf ao torná-la escritora-personagem em sua obra. Esta metaliteratura é representada entre a relação de uma das personagens principais e os livros, *As horas* e *Mrs. Dalloway*.

Com Virginia escrevendo o livro.

Sra.Woolf.

Mrs. Dalloway disse qualquer coisa (o quê?) e foi ela mesma buscar as flores.

É um subúrbio de Londres. No ano de 1923. (CUNNINGHAM, 1999, pg, 30).

A personagem que lê, Laura Brown.

Sra. Brown.

Mrs. Dalloway disse que compraria ela mesma as flores. Pois Lucy tinha o seu trabalho estipulado. As portas teriam de ser tiradas dos gonzos; vinham homens da Rumpelmayer. E, além disso, pensou Clarissa Dalloway, que manhã: pura, como se destinada a crianças numa praia. É em Los Angeles. Em 1949. Laura Brown está a tentar perder-se. [...] (CUNNINGHAM, 1999, pg, 35).

E a personagem que vive a história com o apelido de Mrs, Dalloway que é dado por Richard filho de Laura Brown.

Sra. Dalloway.

Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste gênero), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada, prometendo voltar dentro de meia hora. Isto passa-se na cidade de Nova Iorque. No fim do século XX. (CUNNINGHAM, 1999, pg, 15).

Ao destacar que as três mulheres da obra literária *As Horas* possuem um traço comum entre as personagens que seria a melancolia, Peixoto (2009) afirma que elas se mantem em estado de melancolia, inadequação e dor psíquica, características facilmente identificadas nos elementos presentes na obra cinematográfica, que é trabalhado com as cenas dos suicídios de Virginia, Richard e a tentativa de Laura.

Em sua teoria Peixoto (2009) ressalta uma fusão entre os textos estudados, ou seja, “comparando as duas obras (filme e romance), encontramos equivalência entre o texto literário e o fílmico, do ponto de vista da representação espacial e temporal” (PEIXOTO,2009, p.110). Para Mendonça (2006) as obras literárias e cinematográfica analisadas:

[...] ressaltam, de maneira singular, estratégias híbridas e cambiantes que renovam o olhar de escritores, cineastas, leitores e espectadores sobre os textos literários e fílmicos, porém, sem romper com a arte de narrar. Afinal, o texto literário e o fílmico têm a narrativa como objeto comum e para contá-la ou recontá-la usam de estratégias similares, elaborando ou reelaborando histórias que revelam um jogo construído a partir de diferentes combinações de técnicas e de estruturas. (MENDONÇA, 2006, pg. 200)

A obra *As horas*, de Cunningham e o filme *As horas*, de Daldry, são utilizadas como representação da capacidade humana de adaptar de forma criativa e reinventar narrativas escritas em épocas anteriores, fazendo assim o uso do intertexto e da relação intermediática para enriquecer suas produções e envolver o público em suas tramas.

Cabe destacar que nestas obras reflete-se também sobre o por que as pessoas não se consideram felizes, trabalhando com os dramas humanos, para apresentar a concepção de que ninguém alcança a felicidade pura e plena, como ressalta Peixoto (2009, p.114) o romance e o filme são usados como ferramentas para mostrar o cotidiano de pessoas diferentes e suas reações únicas a frente de cada situação. Mesmo diante dos problemas e turbilhões da vida precisamos entender que não existe uma felicidade plena, e a busca por esse entendimento é diária e com percalços enfrentado pelas personagens do filme e por todos nós.

Por isso perceber-se que a produção fílmica e as obras se relacionam através do hipertexto, isto porque, o livro e o filme “As Horas” iniciam com o momento do suicídio da escritora Virginia Woolf, o recurso desta cena serve para evidenciar a temática da morte, angústia e tormento vivenciados nas narrativas selecionadas. Pode-se perceber também a quebra de padrão da linearidade dos fatos pois na obra cinematográfica e no livro *As Horas* “as cenas ou sequência narrativas cruzam a barreira espaço-tempo constantemente” (PEIXOTO,2009, p.125).

Peixoto (2009) chama a atenção para o efeito de *flashforward*³ usado para antecipar a ligação entre as três histórias, citando elementos como o despertador que toca ao mesmo tempo, Virginia que escreve o texto de Mrs. Dalloway e Laura que lê o mesmo trecho vivenciado por Clarissa, e a presença das flores e da temática morte.

Como elementos de *flashforward*³ implícito podemos citar o brinco das três personagens, a relação artística das três mulheres isto porque Virginia escreve um livro, Clarissa organiza uma festa e Laura prepara um bolo para a festa de aniversário do marido, além de acordarem tristes e melancólicas as três personagens centrais da obra/filme.

As cenas adaptadas pela produção fílmica revelam ao público/leitor a sensibilidade feminina, apresentando a vida de três mulheres e as diferentes maneiras que elas encontram para encarar a vida, três momentos históricos diferentes, três representações da mulher na sociedade e dentro da família. E que acontecem em tempos diferentes Clarissa Vaughn nos dias atuais, Virginia Woolf em 1923 e Laura Brown em 1949.

O lugar e a data são importantes marcas para a vida das três personagens da obra *As Horas*, duas personagens vivendo num mundo pós-guerra, Virginia em 1923, cinco anos após a primeira guerra e Laura Brown que vive em 1949 quatro anos após a segunda guerra, ela que é casada com um veterano e a Clarissa Vaughn que no livro fala nos dias atuais, mas agora

percebe-se que é nos anos de 1999-2000, que enfrenta a guerra contra o HIV, por cuidar de seu amigo e antigo amor Richard que contraiu o vírus da AIDS.

³Flashforward é a interrupção de uma sequência cronológica na narrativa pela interpolação de eventos ocorridos posteriormente. É, portanto, uma forma de apresentar ao telespectador um momento futuro ao que está na corrente apresentação do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como a relação intermediária foi desenvolvida na transposição da obra literária *As Horas* para as telas do cinema, também permitiu analisar diferentes recursos midiáticos e intertextuais nas transposições das mídias e da própria literatura. É evidente também que o romance do livro *As Horas* traz uma homenagem a *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf que levaria o título de *As Horas*.

Ao destacarmos que ao longo deste trabalho e nos capítulos, mostramos que o livro *As Horas* se relaciona em partes com o filme, e também como foi trabalhada a homenagem de Cunningham para escritora, podendo citar o uso da cena do suicídio de Virginia Woolf no início da história do livro que utilizada a intertextualidade e o uso do hipertexto para mediar o enredo das obras relacionadas.

Percebe-se então uma relação intertextual e intermediária para construir a relação entre a literatura no livro *As Horas* e a produção cinematográfica, visando não a fidelidade da obra escrita, mas no caso estudado a mediação entre as temáticas trabalhada e a contextualização do romance no filme.

O TCC demonstra que a obra *As horas* tem a relação direta com o filme enquanto história, mas que as duas obras são inteiramente distintas por serem trabalhadas no livro de uma forma única para seu público, que é o aprofundamento das personagens e que no filme o visual prende a atenção do espectador. Essa relação intertextual fica evidente na história das obras em que o enredo foca na vida da escritora e nas duas personagens fictícias e todo o diálogo na transposição para as mídias.

Os romances de Virginia Woolf, em maior destaque o livro *Mrs. Dalloway*, se abrem para a possibilidade de diálogo com outras artes e mídias como também o foco de distúrbios mentais para diálogo com a psicologia, distúrbios esse das personagens que são trabalhados durante o enredo das obras e na própria vida da escritora que é descrito na biografia da escritora como no início do livro *As Horas*.

Na obra literária Cunningham faz a homenagem para a escritora e a sua obra *Mrs. Dalloway*, fazendo dela uma escritora-personagem para seu livro, e o trabalho do intertextual na obra *As Horas* com as duas personagens, Laura Brown lendo o livro *Mrs Dalloway* e a Clarissa Vaughn que tem o mesmo nome da personagem a *Mrs Dalloway* vivendo a personagem de Virginia Woolf.

Já no filme *As Horas*, mostra a história do livro quase fielmente, utiliza-se o trabalho de relação intermediária na transposição da mídia literária para a fílmica utiliza-se de todos os recursos que a película oferece, o jogo das imagens e o trabalho impecável das atrizes, dão vida não só a Virginia Woolf, como as duas personagens fictícias. A escritora-personagem Virginia Woolf escreve, Laura Brown lê e Clarisa Vaughn é a *Mrs. Dalloway*.

Os recursos são inúmeros nos filmes, mas o trabalho de *flashforward* merece um destaque maior nessa transposição e no livro também que é a interrupção de uma sequência na história das personagens que é explorado no filme na visão do diretor, enquanto no livro quem explora essa temática é o leitor.

Dada à importância do tema torna-se necessário o desenvolvimento de iniciação científica tanto para a pesquisa sobre intertextos e intermediárias, como também para um estudo maior sobre o fluxo de consciência que é trabalhado pela escritora Virginia Woolf na obra *Mrs. Dalloway* e explorada por Cunningham no livro *As horas*, e pode ser abordado para futuros projetos de trabalhos acadêmicos nessa linha de pesquisa, para desencadear competências, habilidades e garantindo uma maior abordagem nos estudos das literaturas, no fluxo de consciência.

Nesse sentido, esperamos que com esse TCC o estudo comparativo, tenha mostrado e contribuído para futuros estudos da relação intertextual e intermediária no livro *Mrs. Dalloway* e nas obras literária e fílmica, *As horas* de Cunningham e Daldry e de como foram identificados os temas propostos e as explicações de cada autor sobre as respectivas obras.

REFERÊNCIAS

AS HORAS. Dirigido por Stephen Daldry. Estados Unidos, Scott Rudin Productions. Lumière, 2002. 1 fita de vídeo (114 minutos): DTS/dolby digital (legendas em português), color.

CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Tradução: Beth Vieira. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOOL, Virginia, 1882-1941. **Mrs. Dalloway/Virginia Woolf** - Tradução e notas Tomas Tadeu. Belo Horizonte: Autentica Editor, 2012.

O Diário de Mrs. Dalloway pg 63: LR, p.273-274. The love of Reading. In: CLARKE Stuart N. (Org). The essays of Virginia Woolf. 1929-1932. V5. Nova York:Harcourt, 2009 p. 271-275. [LR]. Tradução e notas. Tomas Tadeu. Belo Horizonte: Autentica Editor, 2012.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e Cinema: Tradução, intertextualidade e reciclagem**. Faculdade de Letra, UFMG, Minas Gerais, 2005.

HORST, Evalney Riely HAARTMANN. Giuliano. **A personagem e o fluxo da consciência em Mrs. Dalloway**. p. 62 – 70, Guarapuava, Vol. 2 n. 2 (dez. 2011).

MACIEL, Maria Esther. **Para além da adaptação: formas alternativas da articulação entre cinema e literatura**. Literatura em perspectiva. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003, p. 107-128.

MENDONÇA, Marcia Rejany. **Cinema e Literatura: Apropriações e Influências**. LINGUAGEM – Estudos e Pesquisas, Catalão, vols. 8-9 – 2006.

LEHMANN, John. **Virginia Woolf**. Jorge Zahar Editor, Vidas Literárias, Rio de Janeiro, 1989.

MARDER, Hebert. **Virginia Woolf – a medida da vida**. (1934) Tradução Leonardo Fróes, Cosac Naify, São Paulo, 2011.

PEIXOTO, Fábio Rolim. **Das páginas para a tela: Um estudo comparativo do romance As Horas e sua adaptação cinematográfica**. Universidade Estadual de Paranaíba, 2009.

RIBAS, Maria Cristina. **Literatura e(m) cinema: Breve passeio teórico pelos bosques da Adaptação**. Revista ALCEU - v. 14 - n.28 - p. 117 a 128 - jan./jun. 2014.

SILVA, Carlos Augusto Viana. **Mr. Dalowey e a reescritura de Virginia Woolf na literatura e no cinema**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

AVELLAR, José Carlos. **O Chão das Palavras (Cinema e Literatura no Brasil)**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOUZA, Fernanda Ferreira de. **O Ato Criativo de Virginia Woolf em Mrs. Dalloway**. jan./jun.2006 Acesso em: www.interletras.com.br. 25 de julho de 2018.

CLUVER, Claus. Inter textus / inter artes / inter media. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 14, p. 10-41, dez. 2006. ISSN 2317-2096. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>. Acesso em: 13 nov. 2018. Doi :<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.14.0.10-41>.

CURTIS, V. **As mulheres de Virginia Woolf**. São Paulo: A girafa, 2005

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno**. In: ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp. 73-93.

CAVALCANTI, R. A., & FRANCISCO, A. L. **Virginia Woolf e as Mulheres**. Revista *Gênero*, V. 1 p. 27-49, 2016. ISSN: 2316-1108 Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/858>> acesso em 13 nov. 2018. Doi: <https://doi.org/10.22409/rg.v17i1.858>.